



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
(PROJETO SEGUNDO TEMPO)**

MARIA FRANCISCA TRIGUEIROS LINS BRITZKY

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias - Segundo Tempo

Número da entrevista: E-201

Entrevistado/a: Maria Francisca Trigueiros Lins Britzky

Nascimento: não informado

Local da entrevista: nome do local; São Paulo.

Entrevistador/a: Marco Antonio Ávila De Carvalho

Data da entrevista: 09/12/2010

Transcrição: Bruna Caroline Oliveira Pedro

Copidesque: Luciane Silveira Soares

Pesquisa: Luciane Silveira Soares

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 27 minutos e 02 segundos

Páginas Digitadas: 09

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BRITZKY, Maria Francisca Trigueiros. *Maria Francisca Trigueiros Bristzky (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Entrevista com Maria Francisca Trigueiros Lins Britzky coordenadora pedagógica do convênio com o Instituto de Desenvolvimento Social e Humano, localizado no Estado de Alagoas. A entrevista destaca os pontos positivos e negativos sobre o convênio e o papel do Programa Segundo Tempo para o desenvolvimento da Educação Física escolar em Alagoas.

São Paulo, 09 de Dezembro de 2010. Entrevista com Maria Francisca Trigueiros Lins Britzky, Coordenadora Pedagógica do Convênio com o IDESH¹ – Alagoas, a cargo do entrevistador Marco Antonio Ávila de Carvalho para o Projeto Garimpendo Memórias - Projeto Memórias do Segundo Tempo.

M. C. – Começo perguntando quando e como iniciou o teu envolvimento com o programa do Segundo Tempo?

M. B. – Bem, o IDESH, fez o primeiro convênio em dezembro de 2006. Então em outubro eu comecei a ter contato e, em dezembro nós começamos com a operação desse primeiro convênio que durou um ano. Nós tínhamos cinquenta núcleos, e na época eu era coordenadora setorial, porque quem introduziu no programa, pelo que nós sabemos atualmente, a idéia da divisão em setoriais, foi o nosso convênio, como nós começamos com cinquenta núcleos, era quase que inviável uma pessoa só administrar isso, então o nosso diretor presidente, o nosso diretor executivo do IDESH foi quem teve a idéia de setorializar. Nós tínhamos na época o que chamávamos regionais, que cuidavam de dez núcleos cada um, se eu não me engano, e eu era um desses regionais na época, comecei no primeiro convênio sendo regional. Então no segundo convênio eu passei a ser coordenadora geral, e já era um convênio com sessenta e cinco núcleos, aumentamos o convênio, atendendo na época, acho que treze mil e quinhentos alunos, e foi um convênio de dois anos, então eu continuei, e já estamos no terceiro convênio, já é o nosso quarto ano, com o ministério no Segundo Tempo. E já estamos na metade do terceiro convenio com cento e vinte núcleos atualmente.

M. C. – Atualmente a senhora é coordenadora pedagógica do IDESH?

M. B. – Sou coordenadora pedagógica nesse novo formato.

M. C. – A senhora chegou a participar de algum processo de capacitação?

¹ Instituto de Desenvolvimento Social e Humano, localizado no Estado de Alagoas.

M. B. – Sim, participei de vários processos de capacitação porque eu já estou há tanto tempo. Em Brasília já participei de pelo menos, que eu me lembre, uns três: dois de Geral, um de Recreio nas Férias. Todos foram muito importantes, muito positivos, eu avalio. Já participei lá em Maceió, quando fomos capacitar os coordenadores de núcleo, já foram três capacitações de coordenadores de núcleo que eu participei lá em Maceió, e já capacitamos os monitores também, esses três convênios, três vezes seguidas, quer dizer, já participei de várias capacitações.

M. C. – E esses anseios que a Deise² traz na fala dela da capacitação, de muitas vezes a capacitação não atingir a ponta do monitor que está trabalhando, como é que a senhora avalia esse processo?

M. B. – É eu acho que realmente, uma operacionalização disso é difícil, a gente entende que é muito complicado, o custo é muito alto para o ministério produzir capacitações para todo o corpo dos convênios, os monitores, e coordenadores claro. Nós procuramos da melhor maneira repassar essa capacitação. Mas ela tem razão quando diz que você vai passar uma capacitação já de terceira mão, o coordenador de núcleo já vai passar a interpretação dele, do que ele ouviu na capacitação, é isso que ela reclama. Ela mesma, na capacitação que teve agora para monitor, que os coordenadores de núcleo fizeram, ela sentiu alguma dificuldade porque alguns coordenadores de núcleo, professores, tinham uma interpretação pessoal do que era ou não era bom, ou certo ou errado, e passavam isso. Então, se eles discordavam de algum ponto que foi colocado lá na capacitação, então eles passavam aquela idéia deles, pessoal deles, achando como o certo; e ela então criticou muito isso, ela falou: “a gente já recebe uma informação mastigada, digerida, interpretada e isso não é uma capacitação como deveria ser”. Então claro, já melhorou bastante todo esse processo de capacitação que vem sendo feito nesses anos que a gente tem acompanhado, eu avalio como muito positivo, como foi avaliado hoje diversas vezes. Houve uma melhora sensível quando eles fizeram as equipes colaboradoras regionais, passou a ser a equipe colaboradora da universidade da região onde o convênio está localizado, e isso é de uma importância fundamental nesse acompanhamento, por quê? Porque existem peculiaridades em cada convênio e em cada

² Deise Cassia Alves Medeiros, monitora do Programa Segundo Tempo em Maceió. O Entrevistador refere-se sobre a fala proferida durante o Encontro Anual de Avaliação do Programa Segundo Tempo ocorrido nos dias 09 e 10 de dezembro de 2010, na cidade de São Paulo.

região que você não pode misturar. Trazer uma equipe do Rio Grande do Sul para dar uma capacitação aqui no nordeste não rola muito bem, porque é outra realidade, é outra vivência, é outra cabeça, é outro tudo. Então eu acho que nesse ponto eles realmente acertaram em fazer essa regionalização das capacitações, foi um ganho muito grande para todos nós, essa última capacitação de coordenadores de núcleo com a equipe de Natal e de Pernambuco foi muito positiva, sentimos dos próprios coordenadores de núcleo que receberam muito bem, eles têm realmente trabalhado no sentido de melhorar e já melhorou muito em pouco tempo, eu acho que houve uma boa evolução. Porém ainda tem uma caminhada muito grande pela frente para a gente construir isso melhor, e ela tem razão quando ela fala que o monitor que está lá na ponta deveria receber uma orientação mais objetiva do cerne do programa. Se houvesse, o professor Amauri³ hoje falou que eles estão preparando um vídeo pra ser levado ao núcleo, para que dentro do núcleo os coordenadores junto com o monitor fazerem esse processo de capacitação, com um vídeo dos professores das Universidades, e isso é o que acho muito importante. Mas de uma maneira geral as capacitações todas elas foram muito importantes no processo.

M. C. – E os projetos vinculados aos núcleos que a senhora atende, é só o padrão ou tem o universitário também?

M. B. – Não, nós não temos o universitário, nós temos o padrão.

M. C. – O padrão. Que as crianças vão até a universidade fazer a sua prática?

M. B. – É, nas universidades funcionam dois núcleos, nós temos dois núcleos na UFAL⁴. As crianças são do entorno, de escolas que se localizam no entorno da universidade, e os núcleos funcionam no Departamento de Educação Física da UFAL, e utiliza as ferramentas da universidade, que é um ponto muito positivo para a gente. Mas nem todo o núcleo tem essa condição, de ter esse equipamento a disposição, a gente trabalha com realidades muitos duras, muito difíceis de estrutura; estruturas precárias

³ Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Coordenador Pedagógico do Programa Segundo Tempo

⁴ Universidade Federal de Alagoas

demais no estado de Alagoas, o estado de Alagoas acho que o Ideb⁵ é um dos menores do Brasil. Então a gente tem uma carência muito grande de estrutura de escolas, a gente trabalha com o que têm, os meninos se viram nos trinta pra fazer as coisas do Segundo Tempo com a estrutura que a gente pode disponibilizar lá, que é uma estrutura carente, mas que fazemos funcionar com a estrutura que temos, pior era não ter Segundo Tempo. Então eu acho que mesmo tendo a estrutura sendo carente a grande vantagem ainda é fazer acontecer.

M. C. – E dentro dessa perspectiva de avaliação do próprio programa, quais os pontos positivos que a senhora destaca do Programa Segundo Tempo?

M. B. – Olha, eu destaco, claro a ideia central do programa que é trazer a criança que está lá na rua, que está lá exposta a risco social, para fazer uma atividade num local seguro com professores qualificados esse é o ponto fundamental, só tirar a criança de estar exposta em alguma outra coisa, isso já é uma coisa muito grande, já dignifica o programa, a base do programa é essa. Agora tem outros pontos que eu também avalio com sendo bastante positivos, na visão, por exemplo, da educação física que se tinha nas estruturas escolares, quando a gente começou a entrar nas escolas, pedir permissão para entrar nas escolas com o programa Segundo Tempo nas escolas do estado, que a gente fez uma parceria com o estado, nós começamos a ter noção de como estava a situação da educação física, a que ponto estava relegado dentro do instrumento de ensino, a escola, a situação da educação física. Eu fiquei horrorizada, eu não tinha essa noção porque eu não trabalho em escolas, nunca trabalhei em escolas, eu morei muito tempo fora também, a realidade de lá do nordeste não estava muito clara na minha cabeça quando eu voltei. Mas enfim, eu comecei a ir às escolas e ter reunião com diretores, e ver como a gente ia planejar os espaços e tudo; e comecei a ver que os professores que eram lotados naquelas escolas para dar aula, eles não davam aula, não existia aula de educação física, só no papel. Uma escola tinha dois, três, quatro professores, vamos dizer, lotados naquela escola, mas esses professores não davam aula, eu não sei porque, uma cultura que foi se solidificando de que professor de educação física não precisava dar aula; mesmo escolas que tinham quadra, por pior que fosse a quadra, no sol, mas tinham quadra, mas os professores não atuavam. E eu ficava

⁵ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica foi criado em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino

horrificada quando eu ia para a reunião que eles diziam: “Não, nós temos quatro professores de educação física, é difícil colocar as aulas aqui porque está ocupada a quadra o tempo todo”. Mas começava a funcionar nas escolas e os meus professores diziam: “Eles não dão aula, a quadra fica lá sem ninguém usar”. E as diretoras não queriam dizer isso, que eles não davam aula, então é muito difícil, porque as pessoas fazem concurso, passam no concurso e tem aquele emprego pra vida toda e não têm uma chefia que diga: “Se você não der aula, você não recebe”. Então devem existir algumas exceções, existem alguns diretores que são mais atuantes, mas de uma maneira geral o estado está entregue a esse ponto. O que eu acho é que já se sente um efeito de mudança após a entrada do Programa Segundo Tempo na rede de ensino é isso, é que os professores que não davam aula começaram a ficar com ciúmes, com inveja do nosso professor do Segundo Tempo, que começou a conquistar, *lógico*. Os meninos que não sabiam o que era uma bola, um esporte, nada; então eles começaram a endear os professores do Segundo Tempo, por quê? Porque eles tinham aula de esporte naquele horário. Então isso foi assim um marco eu acho, quer dizer não posso falar de dados, nem de estatística, nem de números, porque a gente não tem esse tipo de pesquisa lá, eu estou falando assim, simplesmente da minha visão e do que eu senti nesse decorrer de quatro anos; é que já há realmente uma mudança no sentido de dignificar mais a profissão do professor de educação física, valorizar a atuação do professor de educação física dentro da escola de uma maneira geral, e isso é graças à atuação do programa do Segundo Tempo. Eu não sei, se fizesse uma pesquisa pra ter instrumentos avaliativos pra dizer: “Não realmente influenciou dessa forma”. Nós não temos pesquisa. Mas assim, no meu olhar de leiga, de ter acompanhado as escolas nesse tempo todo, eu acredito que já se pode observar uma mudança de postura de muitos professores de educação física, inclusive diretores que começaram a querer que os nossos professores dessem aula para a escola, porque ficavam observando a metodologia deles, a forma deles atuarem, o empenho deles e tudo mais, e eles começaram a valorizar muito. Em muitos lugares foi difícil porque os outros ficavam constrangidos, com raiva, com inveja, então houve vários momentos assim em alguns locais que dificultaram, mas de uma maneira geral foi muito positivo, por menor que seja, eu acho que houve um impacto nesse campo, e está melhorando a atuação e o desejo de se ter uma educação física no esporte educacional mais integrada, mais atuante, eu avalio muito positivamente.

M. C. – E para os próprios monitores na sua prática docente?

M. B. – É, dos monitores, como ela⁶ falou. Ela disse hoje com muita propriedade, a gratidão que ela tem de poder ter participado até hoje do Programa Segundo Tempo, e o que foi que o Programa Segundo Tempo trouxe para a prática dela, pra visão da educação física dela no lado prático. É lidar ali com a coisa mesmo, na prática, e isso é muito difícil, você é um aluno que não tem acesso à prática, você não vai aprender, você aprende a teoria, mas você não vai poder fazer nada com isso, não vai poder ensinar realmente. Então, esse processo para eles, para os monitores eu acho que é assim, muito enriquecedor, e muito mais por ser de integração, um programa social, não é uma programa esportivo, que usa o esporte como ferramenta e é isso o que eu digo a todo o monitor que chega lá batendo na nossa porta: “Não tem uma vaga pra mim, não?”. Eu gosto, pessoalmente, de conversar com as pessoas que vão trabalhar no projeto pra ver o perfil, porque às vezes aquele estudante de educação física ou aquele professor de educação física o perfil dele não é esse, é um perfil de academia, de escola particular, é perfil de esporte de rendimento; e esse perfil nós realmente não queremos dentro do programa. Mas valorizamos muito aqueles que realmente têm essa visão como ela, que é esporte educacional, de integração social, de inclusão, que querem fazer isso, têm amor a fazer isso. Se todos os monitores fossem como ela não é estava muito bom. Eu vejo assim que para o monitor, para os estudantes de educação física é um instrumento grande, valiosíssimo de aprendizado, de desenvolvimento dentro da área esportiva e mesmo de reconhecer o que é que ele quer fazer dentro da área esportiva, porque se ele vai para um núcleo e os meninos: “Tio isso, tio aquilo”; e ele se abusa porque não quer tratar com esse tipo de realidade... São crianças carentes, são crianças que vem, às vezes, de um nível baixíssimo de educação, são crianças que não sabem, às vezes, falar, não sabem se comportar, que chegam sujas, suadas, fedendo e você tem que lidar com tudo isso, você tem que gostar do público que você está lidando, e isso é um aprendizado, isso é um enriquecimento humano, social e também da prática dele como professor depois. Eu acho que é um local, é uma oficina de aprendizado riquíssima para o monitor. Tanto é que, inclusive, eu tenho até contato com universidade lá da Alemanha, que está muito interessada em mandar alunos para observar o Programa Segundo Tempo, porque tomaram conhecimento através de uma amiga minha que é

⁶ Referindo se a monitora Dayse Cassia Alves Medeiros.

professora de educação física, que veio para cá e ficou dois anos aqui na escola alemã, no Rio de Janeiro, e ela se encantou quando ela conheceu o programa. Eu a levei para conhecer os núcleos no interior de Alagoas, e ela ficou encantadíssima como professora da Alemanha e disse: “Nossa! Isso aqui era um material assim, riquíssimo para os estudantes conhecerem. Um projeto social que tem como instrumento o esporte”. E a gente está em conversação com essa universidade, mas eu não sei...

M. C. – Qual é a universidade?

M. B. – É a Universidade de Tübingen, coordenação de educação física da universidade de Tübingen, que fica no sul, Baden-Württemberg, é perto de Stuttgart, essa cidade, só a universidade tem quinhentos anos, a universidade de Tübingen tem quinhentos anos. Enfim, e eu acho que é realmente, como é que se diz, uma oficina de conhecimento de aprendizado muito importante.

M. C. – E em contraponto, os limites do programa, que a senhora observa?

M. B. – Os limites do programa, eu acho que a parte burocrática enrijece muito a coisa. Às vezes, a gente quer fazer, quer acontecer tanta coisa, mas aí quando vem o lado burocrático você realmente, aí vem tudo quanto é prestação de conta, de SICONV⁷, disso daquilo outro, aí você já fica com os cabelos arrepiados. Por outro lado é importantíssimo que seja dessa forma, para ter a transparência porque é verba federal. Nós sabemos disso que esses instrumentos foram criados e estão sendo aplicados para que haja transparência no uso do recurso e isso é muito importante. Porém as limitações, eu vejo por um lado, os convênios são muito particulares, cada situação é uma situação, cada local tem suas particularidades, no meu convênio de cento e vinte núcleos eu tenho particularidades, que eu não posso dizer que os meus cento e vinte núcleos são iguais, e são na mesma região, no mesmo estado. Mas se a gente tem diferenças dentro do convênio, o que se dirá dentre os convênios, então é muito difícil você fazer um ideal para todos porque você não pode uniformizar, tem realmente que ver bem de perto qual é a particularidade de cada região, de cada local. Como o Brasil é

⁷ Sistema de Convênio criado pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, que tem como finalidade, facilitar as apresentações de projetos ao programas ofertados pelo Governo Federal.

continental, e a medida dos convênios é uniforme, para todos, e eles colocam os objetivos, as metas e tudo, é uniformizado. Às vezes eu acho que você poderia atender melhor em algum determinado local, se você pudesse atender somente cinquenta alunos ao invés de cem; mas você tem que uniformizar, obrigatoriamente você tem que atender cem em todos os núcleos entendeu? É isso que eu acho que enrijece um pouco, a gente não têm muito jogo de cintura, é assim tem que ser assim. Então algumas ferramentas terminam obrigando você a “não, mas tem que ser desse jeito e não tem outra maneira de fazer?” Eu acho que aí é um ponto que a gente fica um pouco limitado, esse é um ponto negativo. Outro ponto é o que nós reclamamos esse ano bastante, é que nós não teve um calendário como tivemos no outro convênio, as capacitações no começo do convênio, ela não foi feita no começo do convênio. Isso é um ponto negativo, porque você começar um convênio e não dar a capacitação é como ela falou: “Você vai receber lá no final e você vai ver que você fez tudo errado. Já passou, não dá para consertar o que você já fez”. Isso tem que ser mantido, que a capacitação tem que ser no início, nos três primeiros meses de convênio, para poder aproveitar mais desse processo, eu acho isso muito importante. A questão do material que, esse ano, tivemos também aquele problema sério da licitação, infelizmente, ninguém teve culpa, lógico, a gente entende a situação, porém isso queimou bastante o programa nas escolas, os meninos não terem o fardamento, de a gente ficar sem material, às vezes, sem bola, e os meninos terem que se *virar nos trinta* lá sem material para trabalhar. Essas coisas se realmente não chegarem na época certa complica na efetivação do programa, claro isso são pontos negativos que a gente sabe que acontecem não porque eles queriam que acontecesse, mas são coisas que vão além do que a gente define como ideal, o objetivo é tentar manter o melhor possível, da melhor forma que a gente conseguiu o nível das aulas, da forma que fosse. Esses são alguns pontos negativos que eu acho, mas eu acho que a tendência é melhorar com essa equipe do Ministério, porque o que eles já conseguiram nesses poucos anos, eu acho que nunca houve talvez no Brasil um desenvolvimento a esse nível, e tão rápido de um programa tão importante que está abrangendo tanta gente dentro do Brasil, socialmente. É muito bonito a gente participar desse processo, claro que tem muita coisa para melhorar, mas eu acho que a equipe trabalha muito para essa melhoria, então esses são os pontos negativos que eu registrei.

M. C. – Perspectiva de continuidade?

M. B. – Bom, nós acreditamos que sim, porque parece que a política do governo vai continuar a mesma pelo que a gente está vendo com a nova presidente e tudo isso. Vamos terminar esse convênio agora no final de dezembro, agora, a equipe do Ministério não sei até que ponto... como é que vai ficar a gente não sabe ainda, ninguém sabe. Eu espero que a maioria deles continuem, trabalhem, que foi um trabalho muito bonito que eles estão fazendo, todos eles. Eu destaco, realmente, o trabalho que o Júlio⁸ fez na época que ele era secretário, como muito importante, o trabalho da Gianna⁹, do Amauri, de toda a equipe, realmente eles se esforçam muito para acertar, e a gente vê isso no atendimento, no carinho que eles têm com a gente, no atendimento que eles dão para a gente. Eu acho muito importante esse relacionamento também, essa abertura que nós temos com eles, o relacionamento que nós temos com eles, isso também é básico, é muito importante para que dê certo. E eu espero que nós renovemos no final de 2011 que é quando termina nosso convênio atual, existe a perspectiva de renovação sim, seria então o quarto convênio para nós.

M. C. – Um dos objetivos dessas entrevistas que a gente está fazendo é a de preservar a memória do programa Segundo Tempo, que é uma parceria com o Centro de Memória do Esporte da UFRGS, da nossa escola, e a sua opinião, a senhora acha importante a preservação da memória do programa?

M. B. – Ah, eu acho importantíssimo. Nós temos esse traço na nossa cultura: um país sem memória, um país que não valoriza a sua memória; o brasileiro não lembra do que aconteceu ano passado, ano retrasado, há dez anos atrás, há vinte anos atrás, a gente fala muito que somos assim. Mas eu acho que isso está mudando e eu acho que é muito importante a preservação da memória, principalmente das coisas boas, dos processos produtivos, positivos, não vamos falar de coisa ruim. Eu vi aquele exemplo de Volta Redonda¹⁰, hoje, porque a gente não conhece como os municípios funcionam de perto, e realmente eu fiquei encantada com a exposição da secretária de esporte e educação de lá. Ela mostrando os instrumentos que eles têm no município, eu falei: “Gente! isso é primeiro mundo para a gente”. Se você pega Volta Redonda e compara com Alagoas

⁸ Júlio Cesar Monzu Filgueira.

⁹ Gianna Lepre Perim. Diretora do Departamento de Esporte Educacional e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte.

¹⁰ Referendo-se a exposição de Rosemari Machado Vilela, Secretária de Esporte de Volta Redonda/RJ

[risos] você está há anos luz, isso é o ideal, o que ela apresentou lá, se realmente é assim, poxa isso é o ideal. Porque que não se mostra mais isso, não se divulga isso? Ela apresentou lá assistência médica de saúde e não sei mais o que. Gente, aquilo ali é uma maravilha de ponta, porque não se fala isso no Brasil, não se mostra? Só se mostra sempre o negativo, só se mostra sempre que nada funciona, só se mostra sempre que a saúde é uma porcaria, que o povo morre na fila e não sei o que. Eu acho que existe um Brasil que não é mostrado, existe gente fazendo corretamente, fazendo a coisa certa. A memória é para registrar isso também, a memória é muito importante, você tem que registrar “não, mas está aqui registrado, foi feito sim” porque a gente, principalmente político costuma esquecer tudo o que foi feito na outra gestão [risos] tem que ficar registrado o trabalho que foi desenvolvido. E pouca gente sabe, a divulgação não é muito grande, mas eu acho importantíssimo isso que vocês estão fazendo, de registrar a memória, não só positiva, toda a memória que é interessante registrar, para que se possa melhorar o processo lá na frente, analisando essa memória, analisando o que foi feito é que a gente vai poder melhorar lá para frente. Então o trabalho de vocês, estão de parabéns, sempre que precisar da gente lá do IDESH de Maceió estamos a disposição de vocês, a gente gosta muito de sempre que pode participar, ajudar nesse processo avaliativo para melhorar para o Brasil todo. Nós começamos, fomos projeto piloto de recreio também, nós fizemos o piloto do recreio na primeira vez que foi feito, nós participamos e fizemos o recreio agora também em julho, duas vezes, eles sempre gostam de nos convidar para fazer os projetos pilotos, e a gente fica envaidecido com isso. Que a gente tenta fazer um bom trabalho, com toda a dificuldade que a gente tem na estrutura do estado e tudo mais, a gente tentar fazer um trabalho sério, um trabalho assim com bastante dedicação.

M. C. – Bom, queria te agradecer pela entrevista, é mais uma boa contribuição para o nosso acervo, muito obrigado!

M. B. – Ah! Eu que agradeço e vão lá visitar Maceió, visitar nosso núcleos lá, ver as praias bonitas, está bom!

M. C. – Está certo, muito obrigado!

[FINAL DO DEPOIMENTO]